

[Clique para ampliar](#)

## Ao leitor brasileiro de "A batalha do autismo"

Prefácio

Marcus André Vieira  
Romulo Ferreira da Silva

A batalha do autismo, como o leitor terá descoberto, não é apenas o enfrentamento de atores do cenário social francês. Eric Laurent, com seu talento em destacar a um só tempo a pertinência clínica e a relevância política dos temas que trata, acaba de demonstrar como a psicanálise está em questão toda vez que a singularidade estiver em vias de ser colocada debaixo do tapete da cultura.

O que temos de mais humano é a necessidade de fazer a vida excessiva que trazemos sempre conosco, muitas vezes perigosa, conviver e funcionar com a necessária regulação social dos desejos e dos gozos. Cada um sustenta a seu modo a arte de viver este desafio. Nossa singularidade reside na maneira como define-se a junção entre este gozo que nos habita e as vias coletivas de seu escoamento. Para cada um, este cruzamento é único e distinto e mantém-se às custas de um trabalho contínuo.

O autista realiza este trabalho com pedra lascada e barro fofo. Está em exterioridade com relação ao coletivo e lida com ele na estranheza de um marciano. Por isso, corre sempre o risco de ser destruído pela própria violência do gozo que não consegue escoar pelas vias comuns oferecidas pela cultura a nós - esses modos convencionados de viver que chamamos humanidade. Como se de fora estivesse, mas ainda sim experimentando, cria mecanismos de isolamento e de defesa, mas também de conexão.

Fácil cegar-se para a delicadeza desse trabalho. Basta acreditar que já nasceríamos com um kit pronto para essa tarefa. Ele seria feito por nossos genes, por exemplo, que se incumbiriam de definir a direção correta da estabelecida pela criação. Sempre que as ações dessa concepção de homem sobem na bolsa da cultura, o autista tende a ser tomado unicamente como portador de um déficit social, irreparável. Apenas poderia ser treinado a adquirir capacidades, não importando que sentido elas teriam para ele.

Do mesmo modo, quando a crença na regulação genética de nossas paixões está em destaque, a psicanálise é afastada do primeiro plano em proveito de protocolos de

conduta. Pior, quando estes protocolos são aparelhados por dados estatísticos, feitos para indicar e promover a todo instante a média, jamais o único, ela tenderá a ser considerada como uma falsa terapia. De fato, ela jamais terá como fornecer as evidências quantitativas de seus efeitos sobre o trabalho de cada sujeito com relação à singularidade, o que não significa que não produza sólidos efeitos. A escolha é simples: ou os aspectos únicos de uma história ou seus dados universais. De fato, algumas apresentações deste Outro são especificamente incompatíveis com a singularidade. É o caso do tratamento estatístico das informações que por pautar-se exclusivamente pelo universal, só aceitará tratamentos nele baseados. Não é de estranhar a imposição da abordagem única, como o ocorrido no Brasil. No dia 04 de setembro de 2012, foi publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo, a partir da Coordenadoria de Regiões de Saúde – Departamento Regional de Saúde da Grande São Paulo, um Edital de “Convocação Pública”, convocando para credenciamento de “Instituições Especializadas em Atendimento a Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)”, para eventual celebração de contrato ou convênio. O então secretário de Saúde, Giovanni Guido Cerri, convocava instituições que estivessem aptas a receber pacientes com diagnósticos, como especificados pelo Código Internacional de Doenças – CID X: F84.0; F84.1; F84.4; F84.5; F84.8; F84.9.

Os pacientes a serem atendidos necessitavam apresentar “laudo médico de especialista em neurologia ou psiquiatria, com título de especialista emitido por Associação de Especialidade e Associação Médica Brasileira ou residência médica reconhecida pelo MEC, devidamente registrado no Conselho Regional de Medicina, atestando o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA).”

O detalhamento do atendimento aos pacientes demonstrava um rigor em sua avaliação inicial e incluía atendimentos individuais.

Porém, na especificação da qualificação técnica, exigia a declaração do responsável legal de que o tratamento seguisse uma orientação sectária, inadmissível, para a abordagem de tais pacientes, quais sejam: profissional em fonoaudiologia com conhecimentos em linguagem pragmática; psicólogos (especialidade em Terapia Cognitivo Comportamental). Exigia um plano terapêutico que desse ênfase no desenvolvimento das “atividades de vida diária, tais como: higiene, alimentação, exercícios físicos e lazer, de forma a aumentar a interação social, comunicação e comportamento, visando à melhoria em sua socialização, seu desenvolvimento psicossocial, autocuidado e autonomia.”

Mais constrangedor ainda, era a exigência de que houvesse uma “declaração do responsável legal pela Instituição de que utilizará métodos cognitivos comportamentais validados na literatura científica, tais como PECS (Picture Exchange Communication System) – Sistema de Comunicação por figuras); ABA (Applied Behavior Analysis) – Análise do Comportamento Aplicada; TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children) – Tratamento e Educação de Crianças Autistas com desvantagem na Comunicação).”

Tal edital mobilizou toda uma comunidade de profissionais da área “psi” que se sentiu responsável por fazer oposição a essa abordagem que tenta confinar os sujeitos com diagnóstico de TEA a um problema meramente orgânico, ou carente de métodos pedagógicos para fins de adaptação psicossocial.

O Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública (MPASP) deflagrou um trabalho epistêmico, clínico e político em torno do tema, diversas instituições de psicanálise por todo o Brasil. São mais de cem instituições envolvidas e centenas de profissionais inscritos nesse movimento.

A primeira conquista do MPASP foi a derrubada do famigerado edital, a partir de “Petição Pública” que reuniu quantidade suficiente de assinaturas a fim de promover o recuo da Secretaria de Estado de Saúde.

Jornadas, artigos, revistas e livros foram e estão sendo realizados a partir desse Movimento. Audiências com autoridades responsáveis pelos rumos políticos do tratamento do Autismo também estão ocorrendo e os frutos estão sendo colhidos. A Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) vem participando ativamente do Movimento sem medir esforços para que os sujeitos ditos portadores de TEA, não sejam negligenciados em suas subjetividades.

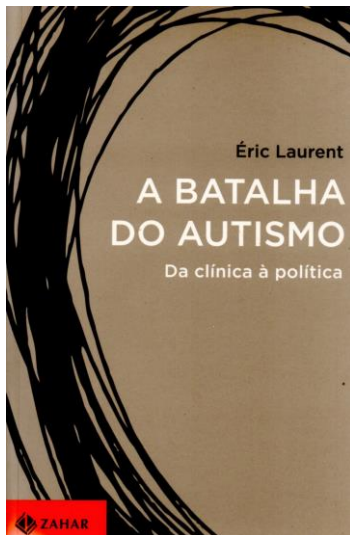
Sabemos que a psicanálise não tem lugar em espaços totalitários, assim foi desde o seu surgimento. A história do movimento psicanalítico o demonstra. No mundo globalizado, onde o capitalismo e as falsas ciências imperam, vivemos algo diferente do que se pôde notar no nazismo, no comunismo e mesmo nas atuais ditaduras religiosas. A atual sociedade, global e pretensamente calcada na liberdade de escolha, nos coloca à mercê do mercado, das pseudo-verdades científicas e no poder da mídia.

Quem mantém as revistas e congressos médicos? Quem está por trás das pesquisas médicas? Por que, cada vez mais, surge a necessidade de que os médicos declarem “conflitos de interesse” quando divulgam seus trabalhos científicos? O Estado, que poderia ser o mediador nesse processo, deixando, por exemplo, as universidades livres de tais investidas, ao contrário, se submete às falsas ciências por usufruírem dos benefícios do discurso de operatividade e objetividade em suas propagandas políticas.

Como vemos, a batalha do autismo é, assim, igualmente a batalha pela diversidade de abordagens. Apenas nesta variedade o trabalho do sujeito pode ter lugar efetivo. Esta é a luta da psicanálise. A Batalha do Autismo é uma proposição de respeito à forma de ser de cada um.

A segunda parte do livro, destaca os meandros desta batalha no contexto francês. O preciso trabalho de Pascale Fari nos deu a possibilidade de acompanhar o estilo firme e agradável de Eric Laurent, aliou-se a ele o talento editorial de Angelina Harari que idealizou uma montagem do livro específica para os leitores brasileiros. Alguns detalhes do movimento político francês deixaram de ser abordados nesta edição. Esta apresentação que vislumbra como no Brasil as coisas ganharam configuração própria.

No momento em que escrevemos, nada está definido. Na França, um decreto, tenta dar cunho nacional 'a imposição das TCC como abordagem oficial, como em São Paulo, mas toda a comunidade "psi" mobiliza-se contra isso. Estaremos sempre buscando fazer com que fenômenos complexos como o autismo sejam tratados como são, fenômenos humanos e não de cérebros sem vida. Por isso mesmo altamente delicados sutis e refinados. Estamos certos de que o leitor brasileiro poderá apreciar no que segue tanto o essencial do contexto francês quanto ter os subsídios necessários para formar sua concepção e tomar suas posições próprias neste momento crucial em que a luta contra um modo precioso de viver o humano está em jogo tanto no Brasil quanto no mundo.



Título original:  
*La bataille de l'autisme*  
(*De la clinique à la politique*)

Tradução autorizada da primeira edição francesa, publicada  
em 2012 por Navarin, de Paris, França

Copyright © 2012, Navarin/Le Champ freudien, Paris

Copyright da edição em língua portuguesa © 2014:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua Marquês de S. Vicente 99 - 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ  
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787  
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Édio Pullig, Milena Vargas  
Capa: Carolina Vaz

CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Laurent, Éric  
L413b A batalha do autismo: da clínica à política / Éric Laurent; tradução Clau-  
dia Berliner. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2014.  
(Campo Freudiano no Brasil)

Tradução de: *La bataille de l'autisme: De la clinique à la politique*  
ISBN 978-85-378-1190-0

1. Autismo. I. Título. II. Série.

CDD: 618.92898a  
CDU: 599.954.2-933.2

14-0832

## Sumário

Nota ao leitor brasileiro 9  
por Marcus André Vieira e Rômulo Ferreira da Silva

Prólogo Por que a "batalha" do autismo? 17

### PARTE I A causa do autismo

1. Autismo e psicanálise 27
  - Paixões 29
  - O sofrimento e a reclusão dos pais 30
  - Biológico ou psíquico, um falso debate 33
2. Autismo e real: balizas para a prática 36
  - A estrutura autista 37
  - Nomeações 40
  - Guardar-se dos sortilégios do imaginário 43
  - O autismo, um nome do real 45
  - Gozo do Um 49
  - Acoplamentos com o objeto autístico 51
  - Circuitos do objeto 54
  - Subtrair *excesso* 57
3. Os espectros do autismo 60
  - Uma presença insistente 60